

## **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**2º Semestre de 2021**

**FLF5287 História da Filosofia Moderna (O mundo da invenção. Economia política e crítica da metafísica no século XVIII)**

**Prof. Dr. Pedro Paulo Garrido Pimenta**

**Créditos: 08**

**Duração: 12 semanas**

### **I - OBJETIVO:**

“A morte de Deus, anunciada por Nietzsche nos anos 1880, permanece um evento traumático; já a morte do homem econômico se anuncia como um bálsamo”. Assim escreve o economista Paul Collier, de Oxford, na abertura de um artigo publicado no TLS de Londres em 6 de dezembro de 2019. A primeira parte dessa frase é obviamente pertinente: supondo que Deus tenha de fato morrido, e por causa da filosofia, esse evento vem reverberando num mundo dessacralizado, dominado pela tecnologia, pelas finanças, pela administração governamental e pelo controle dos indivíduos e das populações, reduzidos a unidades ou massas permutáveis numa gigantesca equação que se formula e resolve-se a si mesma. Quanto à segunda parte da frase, é o corolário da primeira; pois, o que é o “homem econômico”, senão o *sucedâneo* de Deus? E o que é o sistema do “auto-interesse” e do cálculo individual de maximização, senão um *aposto* aos antigos sistemas da metafísica clássica? A ideia de que a racionalidade subjacente às transações econômicas ofereceria um modelo de análise geral do comportamento humano, levando, inclusive, ao cerne biológico da espécie, é uma intuição tipicamente vitoriana, mas tornou-se, no século XX, o princípio de consolidação de um sistema de *determinação completa* da experiência; e, malgrado suas eventuais lacunas, deixaria orgulhosos alguns dos “grandes racionalistas” do século XVII. A tão propalada “morte de Deus”, longe de ter nos livrado, de uma vez por todas, do pesado fardo da metafísica, devolveu-nos essa incômoda carga com peso redobrado,

pois ela agora não apenas traça as castas vestes do cálculo matemático, como arroga para si, e espantosamente obtém, o direito de impor seus valores no meio acadêmico bem como no das políticas públicas. Este curso não tem nenhuma intenção de propor uma genealogia do assim chamado “neoliberalismo”, e tampouco se interessa diretamente pela questão da governabilidade das populações; não quer escavar o subsolo do dito “pensamento hegemônico”; e, se recorre às lições de Foucault no Collège de France, não é em busca de um programa, mas para desenvolver, ajustar e questionar certas interpretações feitas nesses cursos da década de 1970 que dão à economia política clássica um lugar de relevo na história da filosofia, e isso num momento em que a metafísica veio a ser questionada como “rainha das ciências”. O termo é de Kant; mas, como nota Foucault, a filosofia não precisou esperar pela *Crítica da razão pura* para ajustar contas com a tradição do Grande Racionalismo. Graças à revolução trazida por Newton, se tornara, na segunda metade do século XVIII, quase que obsoleta e desnecessária à exploração da experiência como domínio de conhecimento. A física da gravitação universal substituiu a dedução pela indução; ensinou que a regularidade observável e verificável dispensa um fundamento ontológico; abriu o domínio da sensação para a aplicação da matemática em geral e do cálculo em particular; deu ao signo a primazia na elaboração de sínteses resultantes de laboriosa análise. A partir de Newton, toda a filosofia do chamado Iluminismo, de Locke à *Enciclopédia*, passando por Voltaire, Hume e Condillac, entendeu que a sistematização do conhecimento só poderia se dar por meio de uma operação reflexiva: a análise da experiência, a organização das percepções, a depuração das sensações, a generalização das regras. No bojo desse processo de renovação do saber filosófico, emerge a figura do homo economicus, “máquina orgânica” (Diderot) feita de inquietação, desejo e prazer. No empirismo escocês e no sensualismo francês, encontraremos uma teoria da sensação, por certo, da qual é inseparável, no entanto, uma teoria das paixões; encontraremos uma antropologia, como muitos notaram, mas tal que é um capítulo de uma ciência mais abrangente, a fisiologia geral; o que obriga a repensar a moral,

e, com ela, a política, pois, agora, o animal humano, liberado do dualismo, e do mecanicismo concomitante a ele, deixou de ser um misto de deliberação racional e automatismo para se tornar uma criatura complexa e polimorfa, governada por instintos modulados por hábitos, em que as disposições naturais encontram os estímulos externos, produzindo resultados a um só tempo excêntricos e previsíveis. Como Hume não se cansa de mostrar, os produtos da arte humana são altamente imperfeitos, e devem ser sempre corrigidos e ajustados, em suma, aprimorados. Mas, se a arte e a técnica são governadas, na fabricação dos objetos, por intenções claras, ditadas por uma utilidade ou finalidade, e por preceitos estabelecidos numa experiência prévia, nem tudo o que a espécie produz de artístico tem esse caráter. Assim, a ordem política, pela qual o homem se destaca dos outros animais, e na qual, inclusive, os absorve (não sem luta), parece a Hume antes o resultado de uma convergência não-intencional de ações ditadas pelos motivos mais incompatíveis entre si do que o produto de atos deliberados (Hobbes, Locke) ou de uma disposição racional da espécie (Rousseau, Kant). Por via política, a ideia mesma de totalidade é reconfigurada: uma vez desvinculada da razão, perde a prerrogativa do acabamento e da organização internos, que, quando existem, são felizes produtos da inesperada combinação de causas não-intencionais.

## II - CONTEÚDO

1. Invenção e arte
2. Divisão do trabalho
3. Sistema e máquina
4. Fisiologia e prazer
5. Estatuto da imaginação
6. Economia da natureza
7. A mão invisível
8. A ideia de ordem

### III – FORMA DE AVALIAÇÃO

Dissertação final.

### IV – BIBLIOGRAFIA

Ferguson, A. *An Essay on the History of Civil Society*, ed. Duncan Forbes. Edimburgo: University Press, 1966. [*Ensaio sobre a história da sociedade civil*, trad. Pedro P. Pimenta e Eveline Campos Hauck. São Paulo: Unesp, 2019].

Fisiocracia. Org. Leonardo Muller e Thiago Vargas. São Paulo: Unesp, 2020.

Hume, D. *A Treatise of Human Nature*. Ed. Norton e Norton. 2 vols. Oxford: University Press, 1999. [*Tratado da natureza humana*, trad. Debora Danowski. 2a ed. São Paulo: Unesp, 2014].

– *Dialogues concerning Natural Religion*. Ed. J. V. Price, Oxford: Clarendon Press, 1976. [*Diálogos sobre religião natural*, trad. Álvaro Nunes. Lisboa: Edições 70, 2005].

– *The History of England*. 6 vols. Ed. William B. Todd, Indianapolis: Liberty Fund, 1983. [*História da Inglaterra*, trad. Pedro P. Pimenta. São Paulo: Unesp, 2015].

Millar, J. *The Origin of the Distinction of Ranks*. Ed. A. Garrett. Indianapolis: Liberty Fund, 2006.

Quesnay, F. *Oeuvres économiques complètes et autres textes*. 2 vols. Paris : Institut national d'études démographiques, 2005.

– *Physiocratie: Droit naturel, Tableau économique et autres textes*. Paris: Flammarion, 2008.

– *Quesnay. Economia*. Org. Rolf Kuntz. São Paulo: Ática/Grandes cientistas sociais: 1984.

Smith, A. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. Eds. Campbell; Skinner; Todd. 2 vols. Indianapolis: Liberty Fund, 1981. [*A riqueza das nações*. 2 vols., trad. Alexandre A. Rodrigues. São Paulo: Martins Fontes, 2008].

– *Essays on Philosophical Subjects*, ed. W. P. D. Wightman, Indianapolis: Liberty Fund, 1982. [*Ensaaios Filosóficos*, org. e trad. Pedro F. Galé et. al. São Paulo: Unesp, 2019].

– *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres*, ed. J. C. Bryce. Indianapolis: Liberty Fund, 1985.

– *Lectures on Jurisprudence*, ed. R. Meek. Indianapolis: Liberty Fund, 1985.

#### *Literatura crítica*

Berry, C. J. *The Idea of Commercial Society in the Scottish Enlightenment*. Edimburgo: University Press, 2013.

– “O problema da coesão na sociedade comercial”. *Discurso* 50(1), 2020.

– *Essays on Hume, Smith and the Scottish Enlightenment*. Edinburgh : University Press, 2018.

Biziou, M. *Adam Smith et l’origine du libéralisme*. Paris: PUF, 2003.

Clastres, P. *Arqueologia da violência*. São Paulo: CosacNaify, 2008.

Deleule, D. *Hume et la naissance du libéralisme économique*. Paris: Aubier Montaigne, 1979.

– “Hume, os fisiocratas e o nascimento do liberalismo econômico”. *Discurso* 47 (2), 2017.

– *Généalogie du modèle domestique en politique*. Paris : Uppr, 2018.

Deleuze, G. *Empirismo e subjetividade*, trad. Luiz B. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2004.

– *Ilhas desertas*. Org. Luiz B. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Diatkine, D. *Adam Smith. La découverte du capitalisme et de ses limites*. Paris: Seuil, 2019.

---

#### Telefones:

- Forbes, D. *Hume's Philosophical Politics*. Cambridge: University Press, 1978.
- Foucault, M. *Nascimento da biopolítica. Curso no Collège de France (1978-1979)*, ed. Bruno Maçães. Lisboa: Edições 70, 2010.
- *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
  - *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- Gautier, C. *Voir et connaître la société. Regarder à distance aux Lumières écossaises*. Lyon: ENS, 2020.
- Hont, I. *Politics in Commercial Society. J.-J. Rousseau and A. Smith*. Londres: Harvard University Press, 2015.
- Ignatieff, M. (org.) *Wealth and Virtue: The Shaping of Political Economy in the Scottish Enlightenment*. Cambridge: University Press, 1983.
- Kuntz, R. *Capitalismo e natureza. Ensaio sobre os fundadores da economia política*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- Larrère, C. *L'invention de l'économie au XVIIIe siècle*. Paris: PUF, 1992.
- Lebrun, G. *A filosofia e sua história*, São Paulo: Cosac&Naify, 2006.
- Markovits, F. *L'ordre des échanges. Philosophie de l'économie et économie du discours au XVIIIe siècle en France*. Paris: PUF, 1986.
- Marouby, C. *L'économie de la nature. Essai sur Adam Smith et l'anthropologie de la croissance*. Paris: Seuil, 2004.
- Mathiot, J. *Adam Smith. Économie et philosophie*. Paris: PUF, 1990.
- Meek, R. *Social Science and the Ignoble Savage*. Cambridge: University Press, 1976.
- Monzani, L. R. *Desejo e prazer na idade moderna*. Campinas: Unicamp, 1995.
- “Raízes filosóficas da noção de ordem nos fisiocratas”. In: *Discurso* 44 (1) 2014.
- Phillipson, N. *David Hume. The Philosopher as Historian*. Londres: Penguin, 2011.
- Polanyi, K. *A grande transformação*. Lisboa: Edições 70, 2012.
- Sakamoto, T., Tanaka, H. (orgs.). – *The Rise of Political Economy in the Scottish Enlightenment*. Nova York: Routledge, 2014.
- Sahlins, M. *Stone Age Economics*. London and New York: Routledge, 1974.

Schabas, M. (org.) – *David Hume's Political Economy*. New York: Routledge, 2008.

– *A Philosopher's Economist. Hume and the Rise of Capitalism*. Chicago: University Press, 2020.

Séris, J.-P. *Qu'est-ce que la division du travail?*. Paris: Vrin, 1994.

Sheehan, J.; Wahrman, D. *Invisible Hands. Self-organization and the Eighteenth Century*. Chicago: University Press, 2015.

Skinner, A. *A System of Social Science. Papers relating to Adam Smith*. 2<sup>nd</sup> edition. Oxford: Clarendon Press, 1996.

Waszek, N. *L'Écosse des Lumières*. Paris: PUF, 2003.

Winch, D. *Riches and Poverty. An Intellectual History of Political Economy in Britain, 1750-1834*. Cambridge : university Press, 1996.